

Pr. Leandro B. Peixoto
Segunda Igreja Batista em Goiânia
www.sibgoiania.org
16 de agosto de 2026

Hebreus: A Superioridade de Cristo
Mensagem nº 48

Herança escrita com sangue

Você acorda numa segunda-feira. Lembra da pilha de boletos para pagar. A despensa, quase vazia. A mensalidade do colégio dos filhos e do plano de saúde, atrasadas. E a conta no banco está com saldo insuficiente. Você não sabe o que fazer. Não consegue nem levantar da cama.

Então vibra o celular. Chega uma mensagem. E, quando você lê, descobre que um tio-avô — alguém de quem você já nem se lembrava mais — faleceu. E deixou uma herança riquíssima. E você? Você é um dos herdeiros

Pergunto a você:

De que modo isso mudaria a sua segunda-feira? A sua semana? A sua vida inteira, desse ponto em diante?

E se eu lhe disser que existe uma herança mais valiosa do que ouro ou prata? Uma herança que nenhum tio-avô esquecido poderia deixar, porque nenhum ser humano é rico o bastante para pagar por ela. Uma herança que não depende de você ter sido lembrado por acaso, mas de você ter sido chamado pelo nome.

E que essa herança já foi assegurada. Já está escrita. Só que não com tinta, nem com selo de cartório. Foi escrita com sangue.

É isso que o texto que vamos ler agora anuncia. Um Mediador que morreu para que você recebesse aquilo que nenhuma fortuna terrena consegue comprar. Ouçam, então, a Palavra de Deus:

Hebreus 9.15-22 (NAA)

¹⁵Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que os que foram chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que houve uma morte para remissão das transgressões que foram cometidas sob a primeira aliança. ¹⁶Porque, onde há um testamento, é necessário constatar a morte de quem o fez. ¹⁷Sim, porque um testamento só é confirmado depois da morte de quem o fez, pois de maneira nenhuma um testamento tem força de lei enquanto ainda vive quem o fez. ¹⁸Por isso, nem a primeira aliança foi estabelecida sem sangue. ¹⁹Porque, havendo Moisés proclamado a todo o povo todos os mandamentos conforme a lei, pegou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, lã tingida de escarlata e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também todo o povo, ²⁰dizendo: “Este é o sangue da aliança que Deus ordenou para vocês.” ²¹Igualmente também aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado. ²²De fato, segundo a lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.

ANTES DE ENTRARMOS NO TEXTO propriamente, precisamos situar onde estamos dentro da carta aos Hebreus.

Desde o capítulo oito, o autor vem demonstrando que, em cada aspecto, a obra de Cristo é superior ao antigo sistema levítico: ele é ministro de um santuário melhor (8.1-5), mediador de uma aliança melhor (8.6-13), sacerdote de um sistema sacrificial melhor (9.1-12). E, no trecho que teve início em Hebreus 9.13, o autor chega ao ponto mais alto desse argumento: Cristo não é apenas superior — ele é o próprio provedor e a própria provisão de um sacrifício perfeito.

Já vimos, na última pregação, como o autossacrifício de Cristo purificou verdadeiramente a nossa consciência, em contraste com a purificação apenas cerimonial que os sacrifícios de animais ofereciam — restauravam o direito de acesso ritual ao culto, mas não tocavam a culpa real diante de Deus (9.1-14).

Agora, em **Hebreus 9.15-22**, o autor avança um passo além.

Observe o movimento do texto: nos **versículos 11-14**, ele descreve a obra de Cristo como Sumo Sacerdote celestial — entrou no Santuário verdadeiro, obteve eterna redenção, purificou a consciência. No **versículo 15**, tira a conclusão natural: por isso, Cristo é o Mediador da nova aliança.

Mas, em vez de seguir descrevendo o que esse Mediador faz no céu, o autor interrompe esse fio — e só vai retomá-lo no versículo 23. Entre um ponto e outro, nos versículos 16 a 22, ele abre um parêntese explicativo: **por que, afinal, foi necessária uma morte para que essa mediação e essa herança se tornassem realidade?**

É essa pergunta que vamos responder agora, com base na própria lógica das alianças bíblicas.

Para percorrermos este texto, **PROPONHO TRÊS PONTOS**.

Primeiro, veremos que **a morte de Cristo assegura uma herança** (v. 15). A mediação de Cristo assegura, *aos chamados*, a promessa de uma herança eterna — e vamos descobrir, à luz do próprio livro de Hebreus, do que essa herança é feita.

Segundo, veremos que **nenhuma aliança se sela sem sangue** (vv. 16-17). O autor explica o princípio por trás da necessidade dessa morte: toda aliança solene, no mundo bíblico, exige a morte de quem a ratifica para que ela entre em vigor.

Terceiro, veremos que, **sem sangue, não há perdão** (vv. 18-22). O autor demonstra esse princípio na própria história de Israel, quando Moisés inaugurou a primeira aliança aspergindo sangue sobre o povo, o livro da lei e o tabernáculo.

Começemos, então, pelo primeiro ponto.

1. Uma morte que assegura uma herança

¹⁵Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que os que foram chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que houve uma morte para remissão das transgressões que foram cometidas sob a primeira aliança.

Reparem como o **versículo 15** começa: “Por isso mesmo”.

O autor não está iniciando um pensamento novo — está tirando uma conclusão. E a conclusão é esta: “ele é o Mediador da nova aliança.”

Nos versículos que antecedem o nosso texto, o autor já havia dito que Cristo entrou no santuário celestial, não com sangue de bodes e de bezerras, mas com o seu próprio sangue, obtendo eterna redenção (9.11-12). Já havia dito que o sangue de Cristo purifica a nossa consciência das obras mortas, para que sirvamos ao Deus vivo (9.14). E agora ele conclui: por isso, **Jesus é o Mediador**.

E mediador não é um título honorífico vazio. Mediador é aquele que fica no meio, entre duas partes que precisam ser reconciliadas, e que faz a ponte entre elas ao custo de si mesmo. Sim, Jesus não intercede à distância; ele se coloca entre Deus, que é justo, e nós, que somos culpados, e carrega sobre si a nossa condenação. — **E qual é a finalidade dessa mediação?**

O texto diz: “a fim de que os que foram chamados recebam a promessa da herança eterna” (v. 15). Parem aqui um instante. O autor não diz que os chamados recebem apenas perdão, ou apenas uma segunda chance, ou apenas purificação da consciência — embora tudo isso esteja incluído. Ele diz que recebem uma “herança”. E não uma herança qualquer: uma **“herança eterna”**.

Se você voltar ao capítulo oito desta mesma carta, vai encontrar o próprio autor explicando do que se trata essa herança. Ali, citando o profeta Jeremias, ele registra os termos da nova aliança: “Eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo” (8.10).

A herança prometida em Hebreus 9.15 não é, portanto, uma soma de bênçãos — é o próprio Deus, dado a você como seu Deus. Não é como receber uma quantia depositada por alguém distante, que você jamais irá conhecer. É receber o próprio doador.

Pense outra vez na cena do tio-avô.

Por mais generosa que fosse aquela herança, ela mudaria apenas o seu padrão de vida. Você continuaria sendo você, só que com mais dinheiro. Mas a herança de Hebreus 9.15 não muda apenas o seu padrão de vida — ela muda quem você é.

Você deixa de ser apenas alguém tentando sobreviver à segunda-feira, e passa a ser herdeiro, alguém que pertence a Deus e a quem Deus pertence — por toda a eternidade.

MAS O TEXTO AINDA EXPLICA como essa herança se tornou possível (v. 15): “visto que *houve uma morte* para remissão das transgressões que foram cometidas sob a primeira aliança.”

Note o “visto que” — é o fundamento sobre o qual tudo o que já dissemos se sustenta. Não há herança sem que primeiro tenha havido uma morte.

E essa morte teve um alcance surpreendente: ela alcançou para trás no tempo também, redimindo até as transgressões cometidas sob a primeira aliança. Todos os que, desde Moisés, ofereceram sacrifícios de animais que jamais poderiam de fato tirar pecados, foram alcançados retroativamente por uma morte que ainda estava por vir. A promessa era certa desde sempre; mas somente na cruz ela foi paga.

Por que, afinal, seria necessária uma morte para que uma herança fosse assegurada? Por que Deus não simplesmente declarou perdão, sem exigir sangue?

É isso que os versículos 16 e 17 vêm explicar.

2. Nenhuma aliança se sela sem sangue

¹⁶Porque, onde há um testamento, é necessário constatar a morte de quem o fez. ¹⁷Sim, porque um testamento só é confirmado depois da morte de quem o fez, pois de maneira nenhuma um testamento tem força de lei enquanto ainda vive quem o fez.

O versículo dezesseis abre com um “porque” — o autor está explicando o que acabou de afirmar. Ele já disse que uma morte assegurou a herança (v. 15); agora explica por que essa morte era necessária (vv. 16-17).

E, para isso, ele recorre a uma imagem que qualquer um de seus leitores conhecia: um testamento.

Na palavra grega usada aqui — a mesma que, no versículo 15, foi traduzida como “aliança” — está embutida essa dupla possibilidade de sentido: **aliança** ou **testamento**; é o contexto que define o sentido.

Pense em como um testamento funciona: enquanto quem o escreveu está vivo, aquele documento é apenas uma intenção, uma promessa registrada em papel. Por mais solenes que sejam as palavras nele contidas, elas não têm força de lei enquanto o autor do testamento ainda respira. É preciso que ele morra para que a herança, finalmente, passe às mãos dos herdeiros.

Essa comparação já nos ajuda: explica por que a morte de Cristo era indispensável, e não apenas conveniente. Mas o texto quer dizer mais do que isso. Porque a palavra que o autor usa aqui não descreve apenas um **testamento** — é a mesma palavra usada, na Bíblia toda, para as grandes **alianças** que Deus fez com o seu povo: com Abraão, com Israel no Sinai, agora em Cristo.

E, no mundo bíblico, alianças não eram simples acordos verbais. Eram seladas com um rito solene, no qual quem fazia a aliança comprometia sua própria vida como garantia.

Vocês se lembram de **Gênesis 15**, quando Deus fez aliança com Abraão? Animais foram cortados ao meio, e as duas metades postas uma diante da outra. E o que Deus fez foi passar sozinho por entre aqueles pedaços, como quem diz: “se eu quebrar esta aliança, que aconteça comigo o que aconteceu com estes animais.”

Séculos depois, o profeta Jeremias vai denunciar o povo de Judá exatamente com essa imagem: eles haviam cortado um bezerro em dois e passado por entre as partes, jurando fidelidade — e depois quebraram o juramento (Jr 34).

Esse é o pano de fundo do que o autor de Hebreus está dizendo. Uma aliança nunca entra em vigor apenas com palavras. Ela exige que alguém assuma, sobre si mesmo, a maldição de morrer caso seja infiel. E é isso, exatamente, que aconteceu na cruz.

Cristo não morreu apenas como quem cumpre uma formalidade jurídica, como alguém que precisa falecer para que o testamento entre em vigor. Ele morreu como quem toma sobre si a maldição que o povo de Deus já havia atraído para si mesmo, ao quebrar repetidamente a aliança do Sinai. Cristo é, ao mesmo tempo, quem jura lealdade e quem sofre a pena da infidelidade — não a própria, mas a nossa.

E aqui talvez surja uma pergunta em seu coração: **se essa herança depende da morte de alguém, como posso ter certeza de que ela chegará até mim?**

Um testamento comum precisa de um **executor** — alguém vivo, que garanta que os herdeiros de fato recebam o que lhes foi deixado. Mas quem executaria o testamento do Filho de Deus, se ele próprio é quem morreu por nós, em Cristo?

A resposta está em outro lugar desta mesma carta — **Hebreus 13.20**: “o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança”. Aquele que morreu para selar a aliança é o mesmo

que ressuscitou para garantir que ela seja cumprida. Ele não é apenas quem escreveu o testamento com o próprio sangue — é quem, agora vivo, assegura que cada herdeiro chamado por Deus receba, de fato, a herança prometida.

Não há, portanto, nenhuma insegurança jurídica para quem está em Cristo. A morte que selou a sua herança já aconteceu; e Aquele que morreu ressuscitou está vivo para lhe entregar tudo o que lhe pertence.

3. Sem sangue, não há perdão

¹⁸Por isso, nem a primeira aliança foi estabelecida sem sangue.

¹⁹Porque, havendo Moisés proclamado a todo o povo todos os mandamentos conforme a lei, pegou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, lã tingida de escarlata e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também todo o povo, ²⁰dizendo: “Este é o sangue da aliança que Deus ordenou para vocês.” ²¹Igualmente também aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado. ²²De fato, segundo a lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.

Note o “por isso” que abre o **versículo 18**.

O autor está passando do princípio geral — nenhuma aliança tem vigor sem a morte de quem a ratifica — para a demonstração histórica desse princípio. E ele escolhe justamente o momento mais solene da história de Israel: a inauguração da aliança no Sinai, sob a liderança de Moisés.

Repare no movimento do texto.

Primeiro, Moisés proclama ao povo os mandamentos da lei (v. 19). A palavra é lida, ouvida, aceita. Mas a aliança não se completa apenas com palavras aceitas — ela precisa ser selada. E como Moisés a sela? Com sangue de bezerros e bodes, misturado com água, lã escarlata e hissopo [quase uma vassourinha], aspergido sobre o próprio livro da lei e sobre todo o povo (v. 19; cf. Êx 24.3-8).

Repare em um detalhe: o sangue não foi aspergido apenas sobre o povo, mas também sobre o livro da lei.

O que isso significa?

O sangue selava, ao mesmo tempo, o povo e as próprias palavras da aliança que Deus havia ditado. Era como se Deus dissesse: estes mandamentos que vocês acabaram de ouvir, e vocês que acabaram de ouvi-los, agora estão unidos por um só vínculo — o vínculo do sangue. Se o povo quebrasse essa aliança, a mesma sentença que recaiu sobre os animais mortos recairia sobre eles.

E então Moisés declara: “Este é o sangue da aliança que Deus ordenou para vocês” (v. 20). Guardem essas palavras.

Numa última ceia, muitos séculos depois, um outro Mediador ergueria um cálice e diria algo quase idêntico: “isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.28).

Jesus, na hora da sua própria morte, estava se colocando conscientemente no lugar de Moisés — só que, dessa vez, o sangue derramado não seria de animal nenhum, mas o seu próprio — na cruz.

O **versículo 21** estende ainda mais o alcance do sangue: não só o povo e o livro, mas o tabernáculo inteiro e todos os utensílios do culto foram aspergidos. Nada, absolutamente nada relacionado à adoração a Deus, ficou de fora. E o autor resume tudo isso no início do **versículo 22**: “De fato, segundo a lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue”.

MAS NOTE BEM: aquele sangue de animais nunca purificou ninguém de fato — ele apenas apontava para a purificação real que ainda estava por vir. O próprio Hebreus dirá, mais adiante, que é impossível que sangue de touros e bodes tire pecados. Aquele sangue não era eficaz por si mesmo; era sinal, sombra, promessa.

E é por isso que o versículo termina com a afirmação mais dura e mais clara de toda a perícopes (v. 22): “**sem derramamento de sangue não há remissão.**” Não há meio-termo aqui. Não existe perdão barato, perdão sem preço, perdão que dispense a morte.

Se você já se perguntou por que o cristianismo insiste tanto na cruz, e não apenas num Deus que simplesmente “decide” perdoar, a resposta está aqui: porque a justiça de Deus jamais aceitaria uma reconciliação que não levasse o pecado a sério. E o pecado só é levado a sério quando alguém morre por ele.

O tesouro comprado com sangue

Voltemos à cena do início. Você, na segunda-feira, com os boletos atrasados, descobrindo que um tio-avô esquecido lhe deixou uma fortuna. Aquela herança, por maior que fosse, teria um limite. Quitaria dívidas, compraria uma casa melhor, talvez garantisse uma aposentadoria tranquila. Mas, por mais generosa que fosse, ela jamais mudaria quem você é por dentro. No máximo, mudaria o que você tem.

A herança que Hebreus 9.15 anuncia é de outra natureza inteiramente. Percorremos o texto e

(1.) Vimos que ela **custou uma morte** — não a morte distante de um parente que você mal conhecia, mas a morte do próprio Mediador, que se colocou entre Deus e você, e carregou sobre si a maldição que você atraiu para si mesmo ao quebrar a aliança.

(2.) Vimos que **nenhuma aliança com Deus se sela sem sangue**, e que Cristo, ao morrer, ao mesmo tempo jurou lealdade e sofreu a pena da infidelidade — a nossa.

(3.) E vimos, em Moisés aspergindo sangue sobre o povo, o livro e o tabernáculo, que sem derramamento de sangue não existe remissão — ou: *libertação, permissão para ir*.

Mas o que, exatamente, essa morte lhe garante?

Lembre-se do que o próprio Hebreus já havia revelado, no capítulo oito: os termos da nova aliança *não são apenas* “seus pecados serão perdoados” — embora sejam. Os termos são estes: **“Eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo.”**

A herança prometida em Hebreus 9.15 é comunhão com o próprio Deus. Não é uma soma depositada por Alguém que permanece distante depois de morrer. É o próprio Doador, dado a você, para sempre.

Pedro compreendeu exatamente esse alvo da morte de Cristo, quando escreveu: **“Cristo padeceu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir vocês a Deus”** (1Pe 3.18). O objetivo final da cruz não foi apenas resolver um problema — foi conduzir você a Deus.

Pense no que isso muda.

Um herdeiro de dinheiro continua sendo a mesma pessoa, só que com mais recursos. Mas um herdeiro de Deus se torna outra pessoa: alguém que conhece a Deus, que é conhecido por Deus, que já não vive tentando sobreviver à próxima segunda-feira, mas vive à luz da eternidade que já lhe pertence. Essa é a riqueza por trás do sangue derramado: não ouro, não prata, mas a própria presença gloriosa e deleitosa do Deus vivo.

E, se é assim, **RESTA UMA ÚLTIMA PERGUNTA** — a mais importante desta manhã para você. O texto diz que **essa herança é para “os que foram chamados”** (v. 15).

Você é um deles?

É preciso entender que tipo de chamado é este.

Não é um convite que fica à porta, esperando para ver se você vai abrir. É o chamado eficaz de Deus — aquele que não apenas oferece, mas realiza o que oferece.

Paulo descreve esse chamado aos romanos: “aos que predestinou, a esses também *chamou*; e aos que *chamou*, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (Rm 8.30). Não há, nessa obra de Deus, nenhum elo que falhe.

Quem é chamado por ele é, no mesmo movimento, tirado da morte espiritual e trazido à vida — porque este não é um chamado que apenas informa; é um chamado que regenera, converte, justifica, santifica e glorifica.

Jesus mesmo descreveu esse chamado com a voz de um Pastor: “as minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (Jo 10.27).

Repare: não é que as ovelhas primeiro decidem seguir, e só então passam a ouvir e, só então, se tornam dele. É o contrário — elas ouvem, porque já são dele; e, por serem dele, o seguem.

Se hoje o seu coração se move diante desta Palavra, se algo dentro de você reconhece essa voz como a voz do seu Pastor, — o Bom Pastor Jesus chamando você ao arrependimento e à fé — isso não é coincidência. É a prova de que o chamado já está operando em você.

O que você deve fazer, então? Negue a si mesmo. Tome a sua cruz. E siga Jesus.

A herança está escrita. Está selada com o sangue do Mediador que morreu e que vive. Falta apenas você estender as mãos vazias — não para agarrar, não para conquistar, mas para receber — e dizer: sim, eu sou herdeiro. Deus é meu Deus. E, a partir de hoje, nada na minha vida será como antes.

S.D.G. L.B.Peixoto.